

# (DES) CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LATINO-AMERICANA: HERANÇAS DO PASSADO E DESAFIOS FUTUROS

**Maria Luisa Ortiz Alvarez**  
**Universidade de Brasília**

Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir identidade. A identidade é simplesmente aquilo que se é: 'sou brasileiro', 'sou negro', 'sou heterossexual', 'sou jovem', 'sou homem'. A identidade assim concebida parece ser uma positividade ('aquilo que sou'), uma característica independente, um fato autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-contida e auto-suficiente.

**Tomaz Tadeu da Silva, 2005**

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio. Novas identidades estão surgindo, deixando o indivíduo moderno fragmentado.

**Hall, 2004**

Temos o direito de ser igual quando a diferença nos inferioriza, temos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.

**Boaventura Santos de Sousa, 1994**

## **Introdução**

Nosso continente latino-americano é resultado de uma mistura, de um hibridismo étnico e cultural constante, é lugar de sincretismos de crenças e religiões com trajetória própria, formada no interior do nosso sistema social. Mas a cada dia percebemos que a nossa identidade devido às constantes e aceleradas mudanças que o mundo vem sofrendo com os movimentos da modernidade e o processo de globalização se (des) constrói de acordo com as novas experiências de reorganização tempo-espacial das nossas comunidades e as práticas sociais recorrentes, além de outros fatores externos. Neste trabalho pretendemos discutir e refletir sobre a nossa identidade latino-americana, sobre os efeitos de uma herança dos tempos da colonização, o momento atual e o desafio que deverão enfrentar a gerações vindouras.

Desde a filosofia grega, encontramos reflexões sobre a identidade do indivíduo singular e do conceito universal, *este homem* e *o homem*, sobre a identidade e as diferenças, pois definir identidade é mostrar diferenças. Está implícito no conceito de identidade o conceito de diferença. Assim, por esse aspecto de unidade e diferença, os escolásticos definiram o indivíduo. Já pela língua latina, indivíduo é *individuum*, isto é, aquilo que é indiviso em si e dividido de todo o resto, idêntico consigo mesmo e diferente dos outros. Mas interessa, também, verificar se a identidade permanece, se as transformações que sofre o indivíduo destroem ou não a sua identidade. O próprio termo *identidade* tem sua origem, de formação erudita para uso filosófico, no demonstrativo latino *idem*. Dessa identificação demonstrativa, nasce a definição ostensiva, que mostra e dá nome.

Identidade, então, é uma palavra que traz no seu próprio sentido a marca do caráter complexo das questões que discute, uma vez que pode significar tanto a qualidade do idêntico e do comum, como o conjunto de caracteres próprios e

exclusivos. Daí concluímos que esta construção simbólica que supõe tão vivamente a adesão de sentimentos constrói-se, invariavelmente, em relação a um "outro".

No caso da América Latina as identidades construídas a partir do "outro" são inúmeras, a começar pelo próprio termo "América Latina" que nada mais é que uma criação de Luis Bonaparte para designar o território que pretendia conquistar, ou seja, era o olhar do dominador concebendo uma identidade totalmente alheia ao povo que constituía essas sociedades. Assim, seria interessante e produtivo discutir as visões dos latino-americanos que, ao olhar para o "Outro", para o externo, o fizeram tentando descobrir quem eram eles mesmos.

- **O Passado**

Falar em identidade latino-americana implica remontar à época colonial e traçar uma trajetória que se estende até os dias atuais, observando como os diferentes períodos históricos operaram a re-significação do termo, a partir da conservação de determinados traços e da negociação, exclusão e inclusão de outros. O encontro entre europeus e índios, povos portadores de culturas díspares, até antagônicas em certos aspectos, é tido como o momento inicial das transformações que conduziram à idéia de um "modo latino-americano de ser".

É preciso também lembrar, que os textos sobre identidade produzidos na América Latina no século XIX, trazem como herança essa construção identitária colonial cheia de juízos de valor e de considerações muitas vezes negativas. Assim, por exemplo Simon Bolívar, Domingo Sarmiento e José Martí, são três principais articuladores dos processos de independência e de pós-independência que partem dos discursos coloniais para edificar a identidade entre os Estados latino-americanos. Bolívar soube utilizar o passado colonial como um fator legitimador da idéia de União Latino-americana. A América latina bolivariana, à época da "Carta da Jamaica", é aquela que precisa da união: "já que tem uma só origem, uma só língua, os mesmos costumes e uma só religião, devendo, por conseguinte ter um só governo que confederasse os diferentes Estados que haverão de se formar." Nessa missiva, Bolívar manifestava seu sonho de ver a América unida em uma só nação que poderia ser chamada de mãe das repúblicas e teria um só governo que confederasse os diferentes estados da região. A seguir mostraremos as tentativas de integração presentes no século XIX até a segunda guerra mundial.

Ano	Ações concretas	Proposta	Resultados alcançados
1821	Tratado de Aliança entre Peru, Colômbia, e todos os países hispano-americanos.	Prevvia a constituição de uma Assembléia Geral dos Estados Americanos.	Não se efetivou
1824	Ensaio de uma Federação Geral entre os Estados hispano-americanos e planejamento de sua organização.	Prevvia acordos de independência e paz.	Sem resultados plausíveis.
1826	Congresso Anfictiônico de Panamá.	Prevvia uma integração de paz entre os países.	Sem efeitos devido à pouca concorrência de países.
1826	Tratado de União Liga e Confederação Perpetua.	Prevvia uma integração geográfica comercial e de paz.	Teve pouca projeção geográfica limitada e poucos resultados políticos.
1830	Proposta mexicana de integração.	Estreitar laços de amizade e comércio entre as repúblicas americanas.	Sem efeitos concretos.
1846	Proposta uruguaia de integração com Bolívia e Venezuela.	Estreitar laços de comércio e de paz com esses países.	Sem efetivação
1848	Confederação entre Bolívia, Colômbia, Chile, Equador e Peru.	Estreitar laços de amizade e de comércio.	Sem efetivação
1856	Tratado Continental entre Chile,	Estreitar laços de amizade e de comércio.	Sem efetivação
1864	Convenção de União e Aliança Defensiva	Negociação de um tratado de paz e de cooperação.	Não chegou a ser subscrito.
1926	Proposta de união política do partido político peruano Aliança Popular Revolucionaria Americana (Apra).	Proposta de unificação política da América Latina.	Proposta sem repercussão palpável.
1936	Conferência Interamericana sobre consolidação da paz celebrada em Buenos Aires.	Proposta de unificação e de paz entre os países interamericanos.	Apresentaram-se projetos de ligas e associações americanas.
1938	O político argentino Alejandro Bunge propôs a formação de uma União Aduaneira do sul.	Proposta de União Aduaneira entre os países do sul da América Latina.	Iniciou a discussão sobre a viabilização de uma integração econômica regional.
1942	. Conferencia dos Países de La Plata.	Proposta de constituir uma União Aduaneira dos países do sul da América Latina.	Apesar de ser aprovada essa constituição esta não se efetivou.

Fonte: Margariños 2005

Mas enquanto a América de Bolívar era marcada pela insegurança dos processos de independência e de consolidação das nacionalidades, a América de Martí estava fadada ao sucesso, através do afastamento do modelo norte-americano e da procura pelas raízes e especificidades de todas as esferas latino-americanas para construir a identidade.

Cada pensador construiu o seu discurso de forma coesa com o seu tempo, no sentido de eleger um "outro" mais ou menos apropriado: se para Bolívar a questão versava em torno das independências e dos primeiros passos das nações independentes, Martí fala da sombra anexionista norte-americana e de que era preciso livrar-se dos

EUA que tinha projetos ideológicos dominadores. Todos eles pensam, primeiramente, numa construção identitária nacional, também todos eles vão estender esse projeto para o supra nacional. Bolívar entende as lutas pela independência como fator primário para a constituição da União Americana Livre que seria o projeto de solidariedade continental; Sarmiento e sua concepção dual enxerga primeiro a Argentina polarizada entre civilização e barbárie e depois também estende o conceito: haveria duas Américas, a civilizada e a bárbara; e Martí reformula a idéia de pan-americanismo, primeiro, a partir da clara confiança na capacidade emancipacionista de Cuba, e depois de cada uma das nações latino-americanas que formariam a "Nossa América". A extensão destes projetos está fundamentada na forte herança que o passado colonial deixou no imaginário latino americano, que funda uma base comum da experiência latina e da natureza destes discursos.

Assim, ao final do século XIX, surgiram duas concepções claramente antagônicas: de um lado, a de José Martí, que, com a expressão *Nuestra América*, afirmava haver diferença entre a América dos países que ficam ao sul do Rio Grande e a América dos norte-americanos, e, de outro, a protagonizada pelos Estados Unidos, que, conhecida por *pan-americanismo*, visava à integração de todos os países da América.

O primeiro elemento que se destaca no que diz respeito à identidade latino-americana é que os autores, em sua grande maioria, adotavam a perspectiva de uma América Latina unida, delineando-a enquanto um continente imaginário. Nessa representação, a unidade não correspondia ao traçado geográfico do continente denominado América, mas, sim, a uma parte deste, formado pelos países da América do Sul, da América Central e pelo México.

O que se seguiu foi uma tentativa de reproduzir o ambiente europeu no alémar, desde suas características físicas até as espirituais. A construção de cidades à moda européia, o enquadramento dos indígenas no sistema de trabalho mercantilista-capitalista, a imposição das línguas espanhola e portuguesa e da religião católica foram algumas das formas de dominação que procuraram impor às comunidades nativas da América, objetos, valores, idéias e sentimentos próprios dos povos europeus.

Mas a condição mestiça do povo latino-americano ascende ao centro do debate. A busca por valores próprios, em contraposição à subserviência até então existente em relação à cultura européia, exige o reconhecimento do caráter plural do continente. “Surge, assim, um novo nacionalismo, baseado na idéia de uma *cultura nacional*, que seria a síntese da particularidade cultural e da generalidade política, da qual as diferentes culturas étnicas ou regionais seriam expressão.” (BARBERO, 1997, p. 217, grifo do autor)

Com relação à mistura Canclini (2006) expressa:

A mistura de colonizadores espanhóis e portugueses, depois de ingleses e franceses, com indígenas americanos, à qual se acrescentaram escravos trasladados da África, tornou a mestiçagem um processo fundacional nas sociedades do chamado “Novo Mundo”. Mas a importante história de fusões entre uns e outros requer utilizar a noção de mestiçagem tanto no sentido biológico – produção de fenótipos a partir dos cruzamentos genéticos – como cultural: mistura de hábitos, crenças e formas de pensamento europeus com originários das sociedades americanas.

Mestiçagem é sinônimo de miscigenação, de “mistura de raças”. Nesse sentido, Martí acreditava que a mestiçagem era a grande vantagem da América Latina, pois representava a condição de realização plena da igualdade humana. A mestiçagem em Martí era, também, uma metáfora para representar a mistura cultural. Já Ortiz (1957, p.

33) focalizou o mestiço a partir da dificuldade que o mesmo apresentava para se adaptar ao meio urbano, assinalando que o mestiço era, no meio social, um elemento intermediário. A mestiçagem foi também analisada a partir da perspectiva cultural. Andrews (1957) assinalou que as práticas culturais expressavam a influência das tradições europeias – adotadas majoritariamente pela classe alta e média – e das indígenas – adotadas majoritariamente pelas classes populares – entre os latino-americanos. Essa mescla de tradições foi responsável pelas peculiaridades da América Latina no que tange à constituição das suas instituições sociais, como família, religião, educação e política, propriedade entre outras.

Constata-se, então, que a idéia de integração regional sempre foi vigente, baseada principalmente no ensejo político emancipador dos países latino-americanos, mas com pouca força efetiva de união.

- **O Presente**

O conceito de identidade tem sido muito discutido ao longo do tempo e, portanto, abriga diversas versões de cunho psicológico, filosófico, antropológico ou sociológico. A década de 1970 permitiu o desenrolar de profundas transformações no modo de pensar as questões sociais. Os discursos e os novos movimentos sociais indicavam uma apologia da sociedade multicultural: a justaposição e convivência de etnias ou grupos em determinados espaços urbanos (CANCLINI, 2004). Tais falas anunciavam também a exaltação da diferença e idéia de preservação (ou proteção) das identidades de cada um.

Assim, a identidade tornou-se, desde então, um tema bastante emergente. A noção de identidade estava ligada anteriormente à concepção de um sujeito unificado. Porém, o deslocamento de seus elementos constituintes agregou-lhe o caráter fluido, polissêmico e móvel. É possível identificar-se com referências culturais distintas. A afirmação ou repressão de determinadas características identitárias das culturas diversas passa por uma escolha política. Esses processos de identificação têm redefinido o sujeito contemporâneo e, conseqüentemente, as identidades nacionais.

O estado - nação consolidou-se com a difusão de uma única cultura gerenciada como modelo de identidade nacional. Atualmente convive com a fala reivindicatória daqueles grupos por ele silenciados. Eles exigem a re-apropriação dos meios de definição de suas identidades. A globalização, através principalmente da compressão de distâncias e escalas temporais tem contribuído para a contestação da centralidade das identidades nacionais. Há, no entanto, um movimento de reforço destas e das identidades locais. Neste contexto de negociação surgem identidades culturais em transição, resultantes do diálogo entre diferentes tradições culturais e misturas do mundo globalizado: essas são as novas identidades ou identidades híbridas. (Hall, 2005). Mas a identidade é construída socialmente e desenha escolhas políticas de grupos humanos. A reivindicação das identificações encontra-se num quadro de dividendos políticos, sendo necessária uma observação primordial do lugar de fala desses sujeitos contemporâneos.

Silva (2005, p. 141) no seu artigo "A pedagogia como cultura, a cultura como pedagogia" diz:

O que caracteriza a cena social e cultural contemporânea é precisamente o apagamento das fronteiras entre instituições e esferas anteriormente consideradas como distintas e separadas.

A integração com a região não é um item menor dessa agenda. Ela permite que aprendamos uns com os outros em relação aos vários temas apontados, que identifiquemos e construamos interesses comuns e somemos forças para alcançá-los,

que assim nos afirmemos no mundo em posição melhor do que seria possível se o fizéssemos cada um por si.

Sobre a auto-definição das nações e sociedades latino-americanas, Estevão Chaves Martins (2004) argumenta que:

Uma das características do esforço de auto-definição das sociedades latino-americanas desenvolveu-se mas particularmente na segunda metade do século XIX com a grande variedade de ensaios literários e com os resultados das ciências sociais obtidos por latino-americanos, cujos trabalhos passam a desempenhar um papel relevante no cenário mundial”.

E acrescenta mais adiante:

A cultura histórica é uma forma de contextualizar os modos políticos, sociais e econômicos pelos quais as sociedades constroem e administram seu passado. Para que a práxis cultural se revista de caráter histórico requer uma consciência histórica, isto é, uma consciência constituída, ao longo do tempo, sob a forma de pensamento histórico (ou historicizado).

Por sua parte, o jornalista Gilberto Maringoni ilustra em sua obra intitulada “*A Venezuela que se inventa: Poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez*” colocação similar do revolucionário venezuelano do século XIX, afirmando o seguinte:

“Eu desejo, mais que qualquer um, ver formar-se na América a maior nação do mundo, menos por sua extensão e riqueza que por sua liberdade e glória [...] É uma idéia grandiosa formar de todo o Novo Mundo uma só nação, com um só vínculo ligando suas partes entre si e com o todo. Já que tem uma origem, uma língua, uns costumes e uma religião, deveria, por conseguinte, ter um só governo que confederasse os diferentes Estados que haverão de formar-se. Mas não é possível porque climas remotos, situações diversas, interesses opostos, características dessemelhantes dividem a América (MARINGONI, 2004, p. 201)”. Neste último aspecto o autor tem razão, embora o seu anseio seja ver a América Latina com uma só identidade, como sonhara Bolívar, mas os fatos demonstram que ainda isso pode ser uma utopia.

- **Do Presente para o Futuro**

As correntes sócio - construcionistas recusam as concepções humanistas, que vêem o indivíduo como um ser dotado de uma essência única, fixa, e imutável, enquadrando-o em categorias identitárias dicotômicas como introvertido/extrovertido, motivado/desmotivado, dependente/independente, autoritário/submisso, etc. As correntes pós-estruturalistas concebem-no como um ser multifacetado, mutante, capaz de assumir não apenas uma, mas várias identidades que vão sendo construídas na sua interação com o Outro e com o meio social, sempre num constante estado de fluxo. (Moita Lopes, 2003)

Dessa forma o sujeito assume identidades múltiplas muitas delas conflitantes entre si à medida que atua nas posições de homem ou mulher, pai ou mãe, empregado ou patrão, professor ou aluno. Assim, comportamentos e atitudes como timidez, extroversão, irritabilidade ou placidez, generosidade ou mesquinharia, etc. não são mais tidos como traços definitivos na personalidade do indivíduo, pois são sempre dependentes de circunstâncias particulares, ou seja, dos sentidos que os participantes dão a si mesmos e aos outros ao interagirem, por meio da língua, nas diferentes situações sociais. Em outras palavras, o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior,

mas a constrói na língua e por meio dela, na sua relação com o Outro e com o meio social imediato (Rajagopalan, 1998, p.41).

Mario Vargas Llosa numa entre vista publicada no jornal *The American Interest* em fevereiro de 2008 falando sobre identidade latino-americana afirma:

Apesar da universalidade da América Latina, uma de suas obsessões recorrentes tem sido definir sua identidade. Na minha opinião, essa é uma empreitada inútil, perigosa e impossível, porque identidade é algo possuído por indivíduos e não por coletividades, pelo menos desde que elas tenham transcendido as condições tribais. Somente nas comunidades mais primitivas, onde o indivíduo existe apenas como parte da tribo, é que a idéia de uma identidade coletiva tem alguma *raison d'être*. Mas, como em outras partes do mundo, essa mania por determinar uma especificidade metafísica ou histórico-social para uma aglomeração tem causado o fluir de oceanos de tinta latino-americana, gerando diatribes ferozes assim como polêmicas intermináveis.

A riqueza da América Latina está em ser várias coisas simultaneamente – tantas, na verdade, que é um microcosmo no qual todas as raças e culturas do mundo coexistem. Cinco séculos após a chegada dos europeus a suas praias, serras e florestas, os latino-americanos de descendência espanhola, portuguesa, italiana, alemã, africana, chinesa ou japonesa são tão “nativos” ao continente quanto aqueles cujos ancestrais foram os antigos astecas, toltecas, maias, quéchuas, aimarás ou caraíbas. E a marca que os africanos deixaram no continente, onde vivem por cinco séculos, é onipresente: nas pessoas, língua, música, comida e até em certas formas de se praticar a religião. Seria um exagero dizer que alguma tradição, cultura ou raça deixou de contribuir para o vértice fosforescente de misturas e alianças diluídas em todas as ordens da vida latino-americana. Essa aglomeração é nosso maior patrimônio: ser um continente que não possui uma só identidade porque contém todas as identidades. E, graças aos seus criadores, continua se transformando a cada dia.

Observamos aqui que o escritor num momento nega a existência de uma identidade coletiva e depois exalta a identidade coletiva da América Latina, o que é uma contradição.

Fernando Enrique Cardoso num artigo intitulado “*Desenvolvimento e identidade latino-americana*” afirma:

Dizer que não há uma, mas várias Américas Latinas não significa afirmar que inexistam uma certa comunidade de heranças, problemas e desafios entre os países que compõem esse espaço geográfico. Tanto existe que, mesmo irrealizável, por descabida, a idéia da “unidade latino-americana”, a despeito de tudo, persiste viva há quase dois séculos. A questão é entender sobre que bases, valores e aspirações atuais ela pode ter vigência e desenvolver-se, na pluralidade das suas diferenças.

O autor ainda destaca:

Em nossa formação histórica mais remota, há pelo menos três elementos compartilhados, ainda que com “variações nacionais” significativas. Primeiro, a conquista ibérica e o transplante e adaptação para o novo mundo das instituições correspondentes, no campo da política, do direito e da religião (a igreja católica, o direito romano, o patrimonialismo, etc). Segundo, a larga duração de regimes de trabalho coercitivo impostos a amplos contingentes de nativos, bem como de cativos da África, pedra angular de sistemas de produção baseados na concentração da propriedade de ativos, a começar pela terra, e de seus rendimentos. Terceiro, após os movimentos de independência, a adoção “precoce” das instituições políticas e jurídicas do liberalismo, como parlamentos, partidos e eleições (instituições que só surgiram na maioria dos países da Ásia no pós-guerra).

Neste caso Cardoso ressalta a multiplicidade de identidades representadas no nosso contexto e recusa a idéia de unidade latino-americana justificando devidamente os motivos.

Até aqui se verifica que há diferentes posicionamentos com relação à identidade latino-americana, se ela existe ou se poderia futuramente existir.

- **Mas afinal, quem somos?**

A cada dia percebe-se quão difícil é afirmar uma identidade, tendo em vista as constantes e aceleradas transformações que o mundo vem sofrendo, seja pelos movimentos da modernidade e da globalização, de modo, que tudo nos é apresentado numa espantosa velocidade acompanhada pela transitoriedade, ou pelo atravessamento da mídia. Quanto mais rápido as coisas, as notícias, as informações

Wenger (1998, p. 164), citado em Norton (2001, p. 159), falando de identidade argumenta:

Nós não produzimos nossas identidades apenas pelas práticas nas quais nos engajamos, mas também pelas práticas nas quais não nos engajamos. Nossas identidades são constituídas não apenas do que somos, mas também do que não somos. A ponto de, ao entrarmos em contato com outras formas de ser, o que somos poder tornar-se o grande referencial de como nos definimos.

As teorias da psicologia social incorporam elementos sociais nos estudos sobre identidade, como os de Turner & Giles (1981), que examinam a formação de estereótipos. Segundo esses autores há dois tipos de identidade correspondentes a dois tipos de experiência social, ao longo de um contínuo de interação total: as relações de caráter interpessoal e; as relações de caráter inter-grupal. As primeiras implicariam num modo de tratar o Outro e de se posicionar ao seu respeito o que salienta as diferenças individuais, ou seja, a identidade pessoal, onde se destacam aquelas características que marcam o indivíduo como único e distinto. Em segundo lugar teríamos a identidade social, “que envolve o tipo de interação apoiado em categorias sociais e agrupamentos de pessoas, destacando aquilo que temos em comum com os outros de posições sociais semelhantes.” (Kleiman, 1998). A identidade é tomada, então, como um conjunto de elementos dinâmicos e múltiplos da realidade subjetiva e social, uma condição transitória e dinâmica, moldada pelas relações de poder que, na percepção dos participantes estão sendo construídas na interação, segundo Kleiman (op. cit.).

A pluralidade de culturas da América Latina faz com que ela se torne um laboratório de experiências sociais, que por sua vez a coloca do lado oposto ao idêntico, embora seja uma identidade enraizada em aspectos históricos e geográficos comuns. É bom lembrar que o conceito de identidade pressupõe que se identifique por algum critério ou propriedade intrínseca que se mantenha ao longo do tempo. Assim, uma possível identidade latino-americana, produto da diferença e da pluralidade, oposta a todo e qualquer modelo, deve ser pensada, na atualidade, no âmbito de um projeto que dissolva a fragmentação e assegure, portanto, a integração e a permanência dessa totalidade. Somente nesse contexto o uso de tal conceito ainda poderá se justificar.

Com base nos resultados de várias pesquisas, percebeu-se que a questão de integração latino-americana tem origens históricas e sociais, e complicações que atualmente dificultam o pensar em uma identidade latino-americana. Para Laclau (1996), há que se abandonar a idéia de uma identidade unificada e coerente, aceita na modernidade, por não se considerar mais viável a existência de um núcleo essencial do eu, estável, que passe, do início ao fim, sem mudança, pelos tropeços da história. O que

se tem é um sujeito fragmentado, descentrado, deslocado tanto de seu lugar no mundo social como de si mesmo, composto de várias identidades, mutáveis, contraditórias ou mesmo não resolvidas.

O que somos? Somos mestiços, somos índios, somos negros, somos brancos, somos amarelos, mas, sobretudo, somos latinos e americanos.

Gostaria de concluir a minha fala com as palavras de dois grandes pensadores, o primeiro é Paulo Freire que afirmava (apud Padilha, 2001, p. 101):

O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.

E o Darcy Ribeiro (1986), quem aponta:

Foi desindianizando o índio, desafricanizando o negro, deseuropeizando o europeu e fundindo suas heranças culturais que nos fizemos. Somos, em consequência, um povo síntese, mestiço na carne e na alma, orgulhoso de si mesmo...

Deixou assim uma pergunta para o leitor, o meu interlocutor. Qual é o desafio para as futuras gerações? Uma re (des) construção da identidade latino-americana?

## **Bibliografia**

- ANDREWS, O. A. Caracteres Generales de las Sociedades Latinoamericanas. **In: *Revista Mexicana de Sociología***. México: UNAM, vol. XIX, n. 2, 1957.
- BARBERO, J. M. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguales y desconectados: Mapas de La interculturalidad*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CARDOSO F. H. *Desenvolvimento e identidade latino-americana*.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática pedagógica*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CARTA DE JAMAICA. Escrita por Simón Bolívar em setembro de 1815 e direcionada a Henry Cullen. Foi a mais notável tentativa de integração.
- HALL, S. A questão multicultural. **In: *Da diáspora: identidade e mediações culturais***. Belo Horizonte: UFMG, 2003
- \_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- KLEIMAN, A. A construção de identidade em sala de aula: um enfoque interacional. **In: SIGNORINI, I, (org.) *Língua(gem) e identidade***. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- LACLAU, E. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires: Ariel, 1996.
- LAVE, J; WENGER, E. *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1991.

- MARGARIÑOS, G. *Integración económica Latinoamericana: proceso Alalc/Aladi 1950/2000 – Tomo I e II*. Asociación Latinoamericana de Integración. Montevideo, Uruguay, 2005.
- MARINGONI, G. A *Venezuela que se inventa: Poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- MARTI, J. J. Nuestra América. In: *José Martí, Obras. Obras Completas em CD Rom*. Havana: Centro de Estudios Martianos, 2005.
- MARTINS, E. C. R. Consciência histórica, práxis cultural e identidade nacional. In: **Gonçalves, A. T. M.; Souza, A. M.; Serpa, E. C.; Bittencourt, L. B.. (Org.).** *Escritas da História. Intelectuais e Poder*. 1 ed. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2004, v. , p. 12.
- \_\_\_\_\_. O alargamento da União Européia e a América Latina. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 47, n. 2, p. 5-24, 2004
- MOITA LOPES, LP da. *Identidades fragmentadas. A construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Discursos de identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- NORTON, B. Non-participation, imagined communities and the language classroom. In: **BREEN, M. (ORG.)**, *Learner contributions to language learning*. London: Pearson, pp. 159-171, 2001.
- \_\_\_\_\_. **B. Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change**. London: Pearson Education, 2001.
- NORTON, B. & TOOHEY, K. Identity and language learning. In: KAPLAN, R. (Ed.). **The Oxford handbook of Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 115-123.
- ORTIZ, Y. Algunas Dificultades de Adaptación de las Poblaciones Rurales al Pasar al Medio Urbano en los Países Latinoamericanos y Especialmente en Colombia. In: *Revista Mexicana de Sociología*, México: UNAM, vol. XIX, n. 1, 1957.
- PADILHA, R. P. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.
- RIBEIRO, D. *América Latina: A Pátria Grande*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- \_\_\_\_\_. *O povo brasileiro*. Rio de Janeiro. Editora Companhia das Letras, 1995.
- RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora de uma reconsideração radical? In: **SIGNORINI, I. (org.)** *Lingua(gem) e identidade*. Campinas. Mercado de Letras, 1998.
- SILVA, T.T.da. A pedagogia como cultura, a cultura como pedagogia. In: **SILVA, T. T. da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, pp.139-142, 1999.
- SILVA, T. T. (org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005
- \_\_\_\_\_. A produção social da identidade e da diferença. In: **SILVA T. T. DA (Org.)** *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TURNER, J. C. & GILES, H. (Orgs.) *Intergroup Behavior*. Oxford, England: Blackwell, 1981.
- WENGER, E. *Comunidades de prática. Aprendizaje, significado e identidad*. Barcelona: Paidós, 2001
- \_\_\_\_\_. *Communities of practice: learning, meaning and identity*. New York. Cambridge University Press, 1998